



## Miguel Rossetto

Dep. estadual, relator da CPI dos Pedágios  
miguel.rossetto@al.rs.gov.br

### A verdade sobre os pedágios

Diferente do que se pensa, as obras não começam com os pedágios. Na proposta do governador Leite, o que começa é a cobrança. As obras só virão anos depois, até oito anos em alguns casos. É o que acontece hoje no Bloco 3 (Vale do Caí e Serra): mais de três anos de pedágios, tarifa cara e 30 anos de concessão, nenhum quilômetro foi duplicado.

Na proposta do Bloco 1 (Região Metropolitana, Litoral, Vale do Sinos, Paranhana e Hortênsias), Leite pretende repetir os mesmos erros do Bloco 3 e mais, instalar 23 pórticos e repassar R\$

1,5 bi de recursos públicos. Como relator da CPI dos Pedágios, tenho denunciado esta proposta altamente prejudicial para a região, a população e a economia.

Os valores previstos são alarmantes. Por exemplo: estudantes da Feevale que residem em municípios impactados e que hoje pagam R\$ 6,50 em pedágios enfrentarão aumentos de 180% a 410%. Nos trechos entre POA-Pinhal, a tarifa saltará de R\$ 12,60 para R\$ 35,46; POA-Gramado, de R\$ 14,20 para R\$ 34,14; Novo Hamburgo-Santo Antônio da Patrulha, mais que dobra. E após a duplicação da rodovia,

a tarifa aumentará em 30%.

Estudos realizados pela CPI apontam que a Empresa Gaúcha de Rodovias, devidamente reestruturada, seria uma alternativa melhor e mais barata, com condições técnicas e operacionais para assumir obras e gestão dos pedágios. Com a EGR, por ser pública, pagar menos impostos e não visar lucro, a tarifa seria menor. Enquanto no modelo privado a tarifa será de R\$ 0,19 por km, com a EGR, o valor poderia ser em torno de R\$ 0,12.

Por que então escolher o modelo mais caro, governador?

Professora e escritora  
professora.vier@gmail.com



## Nana Vier

### A vida com cachorros

Tem uma coisa curiosa em viver com cachorro: a gente acha que escolhe, mas no fundo é escolhida. E, quando percebe, já está reorganizando a casa, a rotina e até o humor em função de um ser que não paga boleto, não arruma a própria cama e ainda assim manda mais do que muita gente.

Cachorro não respeita agenda. Ele acorda com uma alegria que beira o desrespeito, como se fosse segunda-feira e feriado ao mesmo tempo. Não importa se tu dormiu mal, se está atrasada ou de mau humor. Ele vem, abana o rabo e insiste nu-

ma felicidade que constrange quem ainda nem tomou café.

Tem também a habilidade impressionante de transformar o banal em evento. Um passeio na esquina vira expedição. Um pedaço de pão é tratado como banquete. E, quem saiu só para dar uma volta rápida, volta com a sensação de que fez algo importante na vida.

Conviver com cachorro é aceitar pequenas invasões diárias: o pelo na roupa preta, o sofá que já não é mais teu, o olhar fixo enquanto tu come como se estivesse cometendo um crime

por não compartilhar. E a gente cede. Sempre cede.

Mas o melhor não está nessas cenas óbvias. Está nos dias difíceis. Naqueles em que tudo pesa um pouco mais. O cachorro não pergunta, não analisa, não dá conselho. Ele encosta. Fica. E, de algum jeito silencioso, faz o mundo parecer menos complicado.

Viver com cachorro é isso: um pouco de bagunça, alguma perda de controle e uma quantidade absurda de afeto espalhado pela casa. E, curiosamente, é justamente isso que faz tudo ficar no lugar.

Jornalista  
gilbertojasper@gmail.com



## Gilberto Jasper

### Até quando?

“Vivi de tudo na política. E jamais imaginei chegar na urna eletrônica e ter que escolher entre um candidato flagrantemente condenado e solto apenas por um canetaço e outro incapaz de ser aprovado no teste psicotécnico para a carteira de motorista. Isso em 2022”.

Aos 65 anos, graças à vida de repórter e jornalista, tive o privilégio de conviver “ao vivo e a cores” com inúmeros personagens da política gaúcha e brasileira. O autor da frase acima resume o momento lamentável histórico do País.

Se alguém dissesse que os ministros “da mais alta corte” bateriam boca através da imprensa seria chamado de insano. Era impensável imaginar-se integrantes do Supremo Tribunal Federal (STF) serem citados em áudios com ligações perigosas com notórios bandidos. Como mostram gravações sobre a proximidade de ministros com o gângster Daniel Vorcaro.

A impunidade/ativismo judicial, a busca de celebridade e a proliferação de fake news – inclusive pela chamada “grande imprensa” levaram ao descalabro. Não se vê diá-

logo, só agressões. Não há troca de ideias, apenas ofensas.

É impossível o surgimento de novas lideranças, graças à promiscuidade das emendas parlamentares, ao fundo eleitoral e aos gastos do Congresso Nacional e dos 39 ministérios. Democracia exige decência e transparência. Hoje, os ministros do STF têm armas letais para abortar qualquer investigação.

E os poderosos têm instrumentos para detonar indícios concretos e debocham dos mortais comuns. Até quando?

## Luiz Carlos Amorim

Escritor  
lcaescritor@gmail.com



### Para se ler 2, 3 vezes

Num dos romances que tenho lido – ótimo romance – um dos personagens, apaixonado por literatura, leitor inveterado, faz uma afirmação que me chama muito a atenção: “Uma obra literária deve ser lida uma única vez”.

Não sei se a opinião é também do autor, mas respeito a opinião de ambos. O que não quer dizer que não tenho cá minhas convicções. Como já mencionei em uma crônica recente sobre estantes para livros, há muito livro que, realmente, basta ser lido uma vez. Depois de lido não há porque guardá-lo, temos mais é que passá-lo adiante – doar, emprestar, presentear – para que outros leitores possam apreciá-lo, talvez mais do que nós, até.

Mas há livros grandiosos, verdadeiras obras-primas que precisamos manter por perto, para que possamos voltar a eles, pois a cada nova leitura, a cada nova recriação, nos reve-

lam novas descobertas. E não me refiro apenas a livros de poesia. Há romances, livros de contos e de crônicas, livros até de outros gêneros, os quais dão prazer de se ler de novo, possibilitam-nos recriá-los de uma maneira nova, descobrindo novos detalhes e novas nuances que enriquecem ainda mais a qualidade do texto, da trama, de tudo.

Não vou citar títulos de livros que tenho guardados comigo, porque são muitos e também porque a minha preferência pode não ser a mesma dos meus leitores. E isso é natural. Mas eu sou um daqueles leitores que de vez em quando volta a um livro já lido, como um livro de poemas de Quintana ou de Pessoa, por exemplo, nem que seja para ler só um ou dois poemas.

Confesso mais uma vez: tenho uma grande estante de livros em meu escritório e de vez em quando retorno a algum deles.

## Marlo Torres Marques

Head de Inteligência Artificial  
roberta@trevo.comunicacao.com



### O fim do hype

Durante os últimos dois anos, a inteligência artificial passou a se tornar uma obsessão corporativa. Empresas de todos os setores correram para “ter IA”, muitas vezes sem saber exatamente o porquê. Agora, o mercado entra em uma nova fase: menos encantamento, mais cobrança. E, principalmente, mais conta chegando.

Mais do que falhas técnicas, o dado revela algo mais profundo: que é o fim do hype. A IA seguiu, quase à risca, o clássico ciclo de expectativas infladas. Primeiro, a promessa de transformação imediata. Depois, a corrida por adoção. Agora, o inevitável choque com a realidade. E essa realidade é simples e dura: IA não é solução por si só.

Muitas empresas começaram pelo caminho inverso. Em vez de partir de um problema concreto, partiram da tecnologia. Compraram ferramentas, con-

trataram modelos, criaram pilotos... mas sem conexão direta com indicadores de negócio. O resultado? Projetos que funcionam tecnicamente, mas não geram impacto mensurável. Em muitos casos, o custo de implementação não se converte em produtividade, receita ou eficiência.

Existe uma confusão recorrente no mercado que é acreditar que adotar IA é, automaticamente, inovar. Inovação acontece quando há ganho concreto de desempenho, seja em redução de custos, aumento de receita, melhoria de experiência ou ganho de escala. Sem isso, a IA vira apenas uma camada cara de complexidade.

Grande parte dos prejuízos atuais vem de três falhas estruturais: ausência de problema claro; dados despreparados (63% das empresas não têm base de dados adequada para IA, segundo a própria Gartner) e falta de integração com o negócio.

## Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para [vidareal@gruposinos.com.br](mailto:vidareal@gruposinos.com.br)

Este é o Gavião-Carijó. Alimentase de roedores, lagartos, cobras, aves menores e insetos. Fotografado no bairro Boa Vista. Maria Elisabete Koller  
Novo Hamburgo



Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para [opiniao@gruposinos.com.br](mailto:opiniao@gruposinos.com.br).

